O Currículo em Movimento: Interculturalidade e Práticas Corporais na Educação Física Escolar

José Aparecido Gomes[1*], Célio José Borges[2]

[1]Prefeitura Municipal de Porto Velho, Porto Velho-RO, Brasil
[2]Universidade Federal de Rondônia - UNIR, Porto Velho-RO, Brasil

*Email: cbjagomes@hotmail.com

Resumo:
Este artigo busca discutir a perspectiva de um currículo intercultural em diálogo com as práticas corporais no campo da EFE, visando contribuir para uma educação democrática, inclusiva e com bases em valores humanos. O objetivo fora analisar criticamente as contribuições da literatura sobre a Educação intercultural e práticas corporais na EFE, visando identificar os principais desafios e limitações para a inclusão das diversidades e valorização das culturas por vezes silenciadas. A metodologia adotada, pautou-se em uma revisão bibliográfica abrangente, realizada por meio da leitura, análise e interpretação crítica de livros, teses, dissertações e artigos científicos publicados em periódicos especializados. Como técnica de pesquisa, adotou-se o método bibliográfico e abordagem qualitativa. Os resultados indicaram que na dimensão curricular e epistemológica a EFE ainda há uma forte influência de modelos educacionais conservadores e excludentes. Na dimensão formativa e institucional, há lacunas tanto na formação inicial quanto na formação continuada, dificultando a compreensão e as formas de abordar as culturas silenciadas. Já na dimensão estrutural e política, as condições precárias das escolas, falta de materiais e equipamentos, carga horária insuficiente, grande número de alunos por turma e a sobrecarga de trabalho, limitam a implementação de experiências plurais. Concluiu-se, que a interculturalidade crítica e não eurocêntrica, que problematize as desigualdades históricas e valoriza saberes tradicionais invisibilizados — abre caminho para práticas corporais mais humanas, inclusivas e dialógicas. A perspectiva intercultural não se limita a incluir diferentes práticas corporais, mas busca problematizar as desigualdades históricas e valorizar os saberes tradicionais que foram marginalizados e/ou silenciados.

Palavras chave: Currículo; Educação física; Interculturalidade; Práticas corporais.

The Curriculum in Motion: Interculturality and Corporal Practices in School Physical Education

Abstract:
This article seeks to discuss the perspective of an intercultural curriculum in dialogue with bodily practices in the field of EFE (Physical Education), aiming to contribute to a democratic, inclusive education based on human values. The objective was to critically analyze the contributions of the literature on intercultural education and bodily practices in EFE, aiming to identify the main challenges and limitations for the inclusion of diversities and the appreciation of cultures that are sometimes silenced. The adopted methodology was based on a comprehensive literature review, carried out through the reading, analysis, and critical interpretation of books, theses, dissertations, and scientific articles published in specialized journals. The bibliographic method and a qualitative approach were adopted as research techniques. The results indicated that, in the curricular and epistemological

dimensions, EFE still has a strong influence from conservative and exclusionary educational models. In the formative and institutional dimension, there are gaps in both initial and continuing education, making it difficult to understand and address silenced cultures. In the structural and political dimension, the precarious conditions of schools, lack of materials and equipment, insufficient class time, a large number of students per class, and work overload limit the implementation of plural experiences. It was concluded that a critical and non-Eurocentric intercultural education, which questions historical inequalities and values invisible traditional knowledge, opens the way for more humane, inclusive, and dialogical bodily practices. The intercultural perspective is not limited to including different bodily practices but seeks to problematize historical inequalities and value traditional knowledge that has been marginalized and/or silenced.

Keywords: Curriculum; Physical education; Interculturality; Bodily practices.

El Currículo en Movimiento: interculturalidad y Prácticas Corporales en la Educación Física Escolar

Resumen:
Este artículo busca discutir la perspectiva de un currículo intercultural en diálogo con las prácticas corporales en el campo de la EFE (Educación Física), con el objetivo de contribuir a una educación democrática, inclusiva y con bases en valores humanos. El objetivo fue analizar críticamente las contribuciones de la literatura sobre la Educación intercultural y las prácticas corporales en la EFE, con el fin de identificar los principales desafíos y limitaciones para la inclusión de las diversidades y la valorización de las culturas a veces silenciadas. La metodología adoptada se basó en una revisión bibliográfica exhaustiva, realizada a través de la lectura, el análisis y la interpretación crítica de libros, tesis, disertaciones y artículos científicos publicados en revistas especializadas. Como técnica de investigación, se adoptó el método bibliográfico y el enfoque cualitativo. Los resultados indicaron que, en la dimensión curricular y epistemológica, la EFE todavía tiene una fuerte influencia de modelos educativos conservadores y excluyentes. En la dimensión formativa e institucional, existen lagunas tanto en la formación inicial como en la continua, lo que dificulta la comprensión y las formas de abordar las culturas silenciadas. En cuanto a la dimensión estructural y política, las precarias condiciones de las escuelas, la falta de materiales y equipos, la carga horaria insuficiente, el gran número de alumnos por clase y la sobrecarga de trabajo limitan la implementación de experiencias plurales. Se concluyó que una educación intercultural crítica y no eurocéntrica, que problematice las desigualdades históricas y valore los saberes tradicionales invisibilizados, abre camino a prácticas corporales más humanas, inclusivas y dialógicas. La perspectiva intercultural no se limita a incluir diferentes prácticas corporales, sino que busca problematizar las desigualdades históricas y valorar los saberes tradicionales que han sido marginados y/o silenciados.

Palabras clave: Currículo; Educación física; interculturalidad; Prácticas corporales.

Introdução

Este artigo busca discutir a perspectiva de um currículo intercultural em diálogo com as práticas corporais no campo da Educação Física Escolar (EFE), visando contribuir para uma educação democrática, inclusiva e com bases em valores humanos. Neste sentido, a educação escolarizada deve valer-se de todas as ferramentas possíveis para possibilitar uma prática educativa que dê conta das novas demandas sociais, políticas, econômicas e culturais na vida dos alunos. Entretanto, na atualidade, a educação é atravessada por múltiplas concepções pedagógicas e matizes conceituais hegemônicas e excludentes.

Segundo Baruki (2016, p. 35), "nas últimas décadas, tem se debatido sobre o direito de todos a uma educação de qualidade e a organização de um sistema educacional inclusivo". O currículo inclusivo deve respeitar e valorizar a diversidade, incluindo as diferenças culturais, sociais e individuais de cada aluno (Carvalho Junior; Fetzner; Torres Santomé, 2022).

Assim sendo, estudar as questões epistemológicas e as ciências modernas que permeiam a educação brasileira e seus reflexos no contexto amazônico abre caminho para a resolução dos problemas existentes no campo educacional. As constantes discussões e revisões metodológicas no campo educacional têm contribuído para superar os modelos conservadores e incorporar novas perspectivas no processo de ensino-aprendizagem, facilitar a inclusão e garantir o acesso à educação a todos indistintamente. De fato, a escola constitui um espaço fértil de invenção e de múltiplos olhares, favorecendo a implementação de um currículo intercultural e a construção coletiva da identidade cultural dos alunos.

A Educação Física (EF), nesse contexto, assume a função de ampliar a compreensão da cultura do movimento e/ou cultura corporal que se manifesta, se desenvolve de formas variadas e representa a identidade cultural que os alunos carregam em seu repertório cotidiano. Para Freire e Scaglia (2009) cabe à escola oportunizar a apropriação da cultura corporal e garantir que os jogos e exercícios sejam compreendidos como um fenômeno social e histórico. Assim, os jogos, esportes, danças, lutas e brincadeiras nas aulas de EF devem ser vistas como expressões legítimas da identidade cultural e que precisam ser reconhecidas e valorizadas no currículo escolar, contribuindo para a formação integral dos alunos. Neste sentido, a "pedagogia que caracteriza o currículo cultural dá visibilidade à gênese e ao desenvolvimento contextual das práticas corporais" (Neira, 2015, p. 298).

Entretanto, o autor constatou um silenciamento forçado de práticas corporais, uma vez que não há espaços ou condições para atividades que vão além das brincadeiras, danças e esportes tradicionais. Corroborando, Venâncio e Darido (2012) destacam que, no Projeto

Político Pedagógico (PPP) de muitas escolas públicas, o currículo cultural permanece silencioso, revelando contradições nas práticas educativas. A "escola vem envolvendo os agentes educativos em práticas individualizadas, fragmentadas e reafirmadoras de uma sociedade injusta e sem propósito para operar as mudanças necessárias" (Venâncio; Darido, 2012). As autoras apontam que fatores como currículos rígidos, jornadas longas, gestão verticalizada, falta de formação continuada, infraestrutura precária e escassez de materiais dificultam a reflexão crítica e contribuem para práticas corporais excludentes na disciplina de Educação Física. Neste sentido, "construções curriculares mais tradicionais, centradas na padronização dos sujeitos, no conhecimento acadêmico e na cultura dominante parecem prevalecer na instituição escolar" (Tavares *et. al*., 2025, p. 3).

Portanto, é preciso romper com esse modelo de ensino no campo da EFE e inserir no currículo as práticas corporais com viés intercultural. É importante ressaltar que um currículo intercultural pode ser uma ferramenta para superar o processo de fragmentação dos saberes e possibilitar uma educação com justiça social. "Questionar os currículos fragmentados que se tornaram comuns na formação em Educação Física, é se aventurar no caminho de buscar outras lógicas para pensar as relações entre o corpo, a cultura, a vida, e o dinamismo do mundo social e histórico" (Silva, 2024, p. 15). Para o autor, criar caminhos para a construção de uma sociedade democrática, autônoma e sustentável por meio das práticas corporais é um grande desafio em uma sociedade ainda marcada pela violência, exclusão e pelos conflitos.

O recorte teórico adotado está ancorado nos termos: "cultura", "interculturalidade" e nas "práticas corporais" no contexto da Educação Física escolar, uma vez que a utilização dos termos e as pesquisas se intensificaram a partir dos anos 2000.

Diante dessa problemática, elencou-se a seguinte questão norteadora: De que forma a literatura recente em Educação Física explora as práticas corporais sob a perspectiva da Educação intercultural crítica? Que obstáculos e caminhos são propostos para que a disciplina promova a inclusão e a valorização da diversidade cultural?

A presente pesquisa, justifica-se em face que ainda nos dias de hoje, as práticas corporais no currículo de Educação Física são permeadas por pedagogias que valorizam o movimento corporal, habilidades esportivas e apreensão do gesto motor – agravadas pelas desigualdades econômicas, sociais, raciais e culturais. Todavia, a perspectiva intercultural na educação promove o entendimento, o respeito pelas diferenças culturais e enriquece o processo de ensino-aprendizagem (Oliveira; Daolio, 2011).

Para tanto, o estudo teve como objetivo analisar criticamente as contribuições da literatura sobre a educação intercultural e as práticas corporais na Educação Física Escolar,

visando identificar os principais desafios e limitações para a inclusão das diversidades e a valorização das culturas por vezes silenciadas.

Este artigo, estrutura-se em seis partes. Inicialmente, expõe-se o problema de pesquisa, a justificativa e o objetivo. Em seguida, discutem-se as perspectivas teóricas de "cultura" e "currículo intercultural" no campo da educação. Na terceira sessão, apresenta-se os aspectos conceituais de "interculturalidade" e "práticas corporais" no ensino da EFE no contexto escolar. A quarta sessão, apresenta-se a metodologia da pesquisa que se deu por meio de uma revisão de literatura. Na quinta, discute-se os resultados obtidos e os desafios identificados. A sexta sessão, estão postas as considerações finais. Por fim, não menos importante, são listadas as referências que fundamentam o estudo.

Cultura e Currículo Intercultural na Educação

O campo teórico da educação é multifacetado e com raízes profundas na cultura das sociedades contemporâneas. Ao longo do tempo, ela apresentou contradições, disputas no campo ideológico, diferentes concepções pedagógicas e sempre permeada por desigualdades estruturais e desafios permanentes. De maneira idêntica, a diversificação do currículo nas práticas pedagógicas, por vezes é impossibilitada em razão da pedagogia dominante que ainda persiste na escola. Pensar a educação, implica em compreender sua função social para promover a inclusão das diversidades e valorizar as culturas historicamente silenciadas para contribuir com a construção de uma sociedade mais democrática e plural. Portanto, "o currículo cultural é uma prática de ressignificação" (Neves; Neira, 2018, p. 14).

A ressignificação do currículo cultural no espaço escolar perpassa pela pluralidade de ideias, a valorização das diversidades e das culturas negadas. De acordo com Uchôa (2019a, p. 81) "É a cultura que molda e lapida as pulsões e os instintos naturais humanos, ela é um meio de adaptação aos diferentes ambientes e é sempre cumulativo, resultante de todas as experiências obtidas socialmente e historicamente". Neste aspecto, o termo '"Cultura" é um dos conceitos mais complexos das ciências humanas e sociais" (Hall, 2016, p. 19).

A cultura é uma construção humana contemporânea – cada nação, povo ou individuo constrói sua própria cultura numa interação e vivência com outras culturas. "É pela cultura que compreendemos o mundo porque é ela que atribui sentido a tudo que existe nele" (Baruki, 2016, p. 28). Na Educação Física, a cultura é um fator de identidade e apropriação de saberes relacionados ao movimento, expressão corporal e a vivências de cada indivíduo.

> Na cultura da educação física – ou da atividade física –, são manifestações de jogo tradicionalmente aceitas o **esporte**, a **luta**, a **brincadeira**, a **ginástica**, e a **dança**. Entretanto, também poderiam ser considerados quaisquer outras atividades lúdicas – as mais diversas possíveis –, desde que adaptáveis ao contexto de intervenção pedagógica do professor de educação física (Freire; Scaglia, 2009, p. 157) (grifo dos autores).

Embora na EF escolar priorize as práticas pedagógicas mais tradicionais, ela pode e deve integrar uma gama muito mais ampla de atividades lúdicas. O fundamental é que as práticas corporais desenvolvidas nas escolas, também priorizem as culturas excluídas.

Para Cruz (2023) as culturas diferentes e/ou inferiores sempre foram marginalizadas, silenciadas ou distorcidas pela lógica dominante, refletindo num processo de exclusão sistemática que se perpetuou por meio de práticas conservadoras, discursos eurocêntricos e mecanismos de poder que classificam e hierarquizam identidades culturais. Ou seja, ao longo da história os conhecimentos dos grupos minoritários foram negligenciados no currículo escolar, prevalecendo a cultura hegemônica (Neira, 2007).

Oliveira e Daolio (2011) enxerga a educação intercultural não como algo fixo, mas como um processo dinâmico que facilita o encontro entre diferentes grupos e o aprendizado mútuo a partir dessas distinções. Embora, a perspectiva intercultural seja reconhecida como fonte legítima de conhecimento, saber e expressão cultural, é preciso avançar na superação de práticas escolares conservadoras. Portanto, para Uchôa (2019b, p. 106):

> Uma política curricular pautada na interculturalidade possibilita a libertação dos sujeitos, através de um pensar crítico que questiona, problematiza e resiste às práticas monoculturais que historicamente predominaram no contexto educacional, ao tempo em que resgata e desoculta os saberes das culturas negadas. Por isso, constitui-se em uma proposta democrática, que propicia o empoderamento das culturas subordinadas.

Assim, é preciso coexistir com as culturas diferentes. Neste sentido, a EFE é um campo fértil para promover as diferentes manifestações culturais, incorporando saberes distintos, possibilitando vivencias e experiências significativas para que os alunos possam dialogar com às diferenças. “No currículo cultural, a experiência escolar é um terreno aberto ao debate, ao encontro de culturas e à confluência da diversidade de práticas corporais dos variados grupos sociais” (Neira, 2015, p. 296). Todavia, o chão da escola ainda não está preparado para lidar com os “*corpos diferentes*”, destacando-se as tensões existentes no campo cultural e as diversas formas de exclusão.

Nessa perspectiva, Fraga e Silva (2023, p. 356) apontam que “a Educação Física, assim como a escola, é uma área que apresenta dificuldades em lidar adequadamente com as

diversidades". No entanto, para Uchôa (2019b, p. 94) "uma política de igualdade não inferioriza e nem subordina a diferença, mas promove uma articulação horizontal entre identidades e entre as diferenças". Vale destacar que o estímulo a pluralidade e da diversidade cultural podem ser uma ferramenta primordial para a apreensão do saber intercultural na educação escolarizada, conforme apontam Oliveira e Daolio (2011, p. 3):

> A perspectiva intercultural de educação lança mão de argumentos que caminham no sentido da compreensão de que, para além da simples constatação de diversas culturas, estas precisam dialogar em pé de igualdade. Assim, a escola deve ser um espaço de diálogo, de comunicação, no qual as possibilidades de acesso ao conhecimento e o compartilhar de valores e atitudes levem em consideração a premissa dessa inter-relação.

Assim sendo, o papel da escola é dialogar com as diversidades para uma formação mais humana. Carvalho Junior, Fetzner e Torres Santomé (2022) afirmam que a escola deve ser um espaço onde todos os alunos devem ser respeitados e valorizados, independentemente de suas diferenças. Os autores destacam a necessidade de uma abordagem curricular crítica, inclusiva e democrática para que os alunos desenvolvam habilidades críticas e reflexivas.

> Uma educação intercultural trabalha com a produção das diferenças e a instabilidade das identidades [...] A interculturalidade compreende a identidade como uma significação cultural e busca repensar as formas de expressão dos sujeitos, romper com identificações que estabeleçam relações desiguais de poder, desconstruir preconceitos e desnaturalizar identidades e dogmas (Silva; Silva; Siqueira, 2022, p.7).

A educação intercultural crítica não se limita a valorização e o reconhecimento das diferenças, mas busca promover a diversidade, combater às desigualdades, as injustiças sociais com fins de resistência e de construção da identidade cultural (Neira, 2015). Ela "pode cumprir a máxima potência questões de alteridade e diferença nas políticas curriculares da alteridade e das diferenças, possibilitando questionamentos radicais e propiciando a construção de uma nova sociedade" (Uchôa, 2023, p. 145/146).

> [...] as concepções que fundamentam a educação intercultural crítica rompem com práticas instrumentadas de negação das múltiplas diferenças étnicas, sociais, culturais, geográficas, religiosas e econômicas, como marcas de diferenças que se apresentam como formas de intervenção entre o campo epistemológico, político e o social (Mota; Soares, 2023, p. 5).

Nesse aspecto, Franco (2015) argumenta que a educação é um processo complexo que envolve relações de poder e resistência, – as práticas pedagógicas tradicionais muitas vezes

perpetuam a desigualdade e a exclusão, e que é necessário desenvolver abordagens mais críticas e reflexivas para o processo de ensino-aprendizado.

Neste sentido, a EFE deve articular com a educação intercultural para propor "[...] uma relação dialógica na construção de saberes plurais, heterogêneos e experenciais ao longo da existência humana" (Ferreira, *et al.*, 2021, p. 113). Entretanto, na Educação Física, o diálogo e os saberes produzidos, relacionam-se com cultura do movimento que podem ser transmitidos de uma pessoa para outra e de geração para geração.

Inserir a dimensão intercultural crítica no currículo de EFE parece ser um desafio significativo, em razão de matizes conceituais antagônicas e abordagens tradicionais já enraizadas. Apesar de que, ela pode ser um instrumento de firmamento das culturas subjacentes, que por vezes foram estigmatizadas e silenciadas. Deste modo, "uma construção curricular para a Educação Física inspirada na interculturalidade pode se tornar algo significativo para os estudantes assim como pode proporcionar uma ressignificação da Educação Física na escola" (Tavares, *et, al*., 2024, p. 2).

Assim, um currículo intercultural crítico proporciona uma ruptura com as práticas curriculares socialmente hierarquizadas, uma vez que os conteúdos culturais não estão subordinados aos conteúdos científicos, mas que, em alguma medida suas narrativas se contrapõem a supremacia com intuito de reconhecer e valorizar os saberes essenciais da identidade e das culturas subjacentes (Casali; Uchôa, 2023).

A articulação entre educação intercultural e práticas corporais favorece a valorização da diversidade cultural e a cidadania das culturas silenciadas ou negadas. "A educação que recorre as práticas corporais, isto é, a educação física, intervém mais para desenvolver conhecimentos do que para transmitir verdades. Esses conhecimentos devem advir das relações entre pessoas e seu mundo (Freire; Scaglia, 2009, p. 31).

Interculturalidade e Práticas Corporais na Educação Física Escolar

O percurso histórico da Educação Física no Brasil, foi marcado por abordagens centrada na prática, no esporte de rendimento e na aptidão física, a qual tem sido objeto de crescentes debates (Impolcetto, *et, al*., 2013). Essas reflexões impulsionaram a busca por uma perspectiva mais ampla, que não apenas reconheça, mas também promova a inclusão das diversidades e das práticas corporais que, muitas vezes, são desvalorizadas no ambiente escolar. A implementada de um currículo intercultural no contexto na EF tem como foco a superação das adversidades, desigualdades, inclusão das minorias e das culturas que por vezes

são silenciadas no âmbito escolar. Todavia, o enfoque intercultural enfrenta os desafios para romper com os modelos europeus, combater as formas de preconceito e discriminação que persistem em uma sociedade marcada pelo autoritarismo e pela desigualdade (Silva, 2024).

De acordo com Candau (2016) a sensibilidade às diferenças culturais cresce, mas a implementação da educação intercultural nas escolas ainda enfrenta grandes desafios, pois há abordagens superficiais e estereotipadas, que se limitam a incorporar expressões culturais em datas comemorativas. Por outro lado, Tavares, Madela e Frasson (2023, p. 8) afirmam que "[...] há uma carência de estudos que proponham e reflitam sobre as potencialidades de um currículo intercultural nas escolas de educação básica, principalmente relacionados à EF". Para os autores, são raras as pesquisas que buscam verificar as conexões entre os documentos norteadores, o cotidiano das escolas e a prática pedagógica. Todavia, o currículo intercultural ainda é incipiente, apesar de estar presente em documentos oficiais e intenções.

Segundo Cruz (2023) embora haja uma vasta produção teórica sobre a educação intercultural, parece que ela ainda não se consolidou no currículo escolar e na prática os professores – o que se tem observado é uma pedagogia que silencia, exclui ou desvaloriza as realidades socioculturais e históricas das minorias. "Ainda hoje, os conhecimentos, os saberes e as culturas das minorias sociais e dos povos tradicionais ocupam espaço reduzido nas políticas educacionais e nas práticas pedagógicas" (Mota; Soares, 2023, p. 11).

A educação intercultural se relaciona diretamente com as minorias, despossuídos, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, moradores de periferias e portadoras de necessidades especiais, que de alguma forma não estão com seus direitos assegurados.

Contudo, há um movimento na Educação Física que procura se distanciar das práticas pedagógicas conservadoras e excludentes em favor de uma cultura que promova e valorize a alteridade dos corpos marginalizados. Assim sendo, é necessário promover um diálogo permanente entre os elementos interculturais e as práticas corporais com fins de incluir as minorias e as culturas silenciadas e/ou negadas no currículo escolar. O currículo cultural deve pautar suas aulas nas práticas corporais das culturas subalternizadas, permitindo dialogar com as minorias e combater a institucionalização do saber.

Segundo Impolceto, *et. al*. (2013) os elementos da cultura corporal, tais como: jogos, brincadeiras, esportes, atividades rítmicas, dança, lutas e as práticas corporais alternativas, são considerados conteúdos fundamentais a serem explorados nas aulas de Educação Física.

Para Oliveira e Daolio (2011, p. 8) [...] "as tensões produzidas pela diversidade cultural na sociedade estão presentes também nos cotidianos escolares, muitas vezes convergindo em desigualdades". A implementação de um currículo cultural na Educação

Física emerge, assim, como uma ferramenta extremamente relevante para a inclusão dos corpos diferentes, das minorias e das diversidades. Assim, o "objetivo da educação física deve ser levar a criança a aprender a ser cidadã de um novo mundo" (Freire; Scaglia, 2009, p. 30).

> Procurando colocar em ação uma política da diferença por meio do reconhecimento da cultura corporal dos vários grupos que coabitam a sociedade, ela prioriza procedimentos democráticos para a definição dos temas e atividades de ensino, além de valorizar experiências de reflexão crítica sobre a ocorrência social das práticas corporais, aprofundando e ampliando os conhecimentos dos alunos mediante o confronto com outras representações e manifestações (Neira, 2018, p. 9).

Portanto, o termo *diferença* está "associado a um problema a ser resolvido, à deficiência, ao déficit cultural e à desigualdade" (Candau, 2016, p. 809). Para a autora, os "diferentes" muitas vezes enfrentam baixo rendimento escolar, vêm de comunidades e famílias vulneráveis, apresentam comportamentos associados à violência, sendo rotulados como "anormais", com "necessidades especiais" ou baixo capital cultural. Assim, gerenciar esses corpos no ambiente escolar é uma tarefa árdua e um desafio significativo.

No entanto, é essencial que o currículo cultural contemple as práticas corporais de culturas marginalizadas e os "corpos diferentes", frequentemente esquecidos. Neste sentido, "é possível afirmar que essas práticas corporais constituem-se, antes de qualquer coisa, em um fator de identidade cultural" (Neira, 2007, p. 175). Assim, cabe ao currículo de Educação Física repensar o objeto da disciplina, destacando sua função social, desenvolvendo habilidades e promovendo conhecimento sobre o corpo, o outro e o mundo (Brasil, 2017).

Nessa perspectiva, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe uma abordagem dialógica para o currículo de Educação Física na Educação Básica, entendendo a disciplina como componente obrigatório cujo tema central são as práticas corporais e suas significações sociais como forma de garantir conhecimentos amplos que favoreçam a autonomia e o exercício da cidadania (Brasil, 2017). Para Boog e Urizzi (2018) as aulas de EF devem valorizar a cultura dos alunos, para que se sintam parte do processo de aprendizagem e ampliem suas vivências. Contudo, "o currículo capaz de dar conta de uma reflexão pedagógica ampliada e comprometida com os interesses das camadas populares tem como eixo a constatação, a interpretação, a compreensão e a explicação da realidade social complexa e contraditória" (Castellani Filho, *et. al.*, 2009, p. 30).

O Caderno de Orientações Pedagógicas de Educação Física elaborado em Rondônia, orienta os professores a reconhecer as práticas corporais como parte da identidade cultural de diferentes grupos, considerando "marcadores sociais como gênero, raça, etnia, padrões

corporais e religião” (Rondônia, 2020, p. 16), buscando promover uma educação inclusiva, a diversidade cultural e corporal presente nas escolas.

A omissão de um currículo intercultural nas escolas reforça a hegemonia cultural e excluem as culturas ditas como inferiores, trazendo consigo obstáculos importantes para o processo de ensino-aprendizagem e reflexos negativos, tais como: insegurança, exclusão social, distanciamento das raízes culturais e violações de direitos sociais.

Todavia, para Tavares, *et. al*. (2025) para que a educação intercultural se concretize, é essencial investimentos e o compromisso de uma formação inicial e continuada que permitam outras formas de aprender em contextos diversos, ou seja, enquanto isso não ocorrer, a interculturalidade se mantém apenas como uma forma de resistência e de práticas revoltosas que provoquem movimento e questionamento.

> [...] Os princípios da interculturalidade se evidenciam como possibilidade decolonial para o currículo da Educação Física escolar, mas que precisa passar por um processo de desacomodação e ressignificação, sem abrir mãos dos diferentes temas e conteúdos atribuídos à Educação Física, como jogos e esportes, mas alargando e desnaturalizando as narrativas sobre os mesmos. Da mesma forma, convida a Educação Física a repensar seu lugar na escola, seu lugar simbólico, mas também o espaço físico que lhe tem sido atribuído, a quadra (Tavares, *et. al.*, 2025, p. 24).

Em um estudo de revisão de literatura em periódicos realizado por Tavares, Madela e Frasson (2023) com a finalidade de identificar e compreender o que vem sendo produzido acerca da interculturalidade no campo educativo, bem como suas possíveis relações com o currículo e com a EF escolar, ficou assim constatado nas considerações finais:

> (a) não existe consenso sobre os conceitos de multiculturalismo e interculturalidade; (b) há um empreendimento a fim de superar uma concepção limitada e funcionalista das culturas e das diferenças; (c) a interculturalidade tem permeado em alguma medida os documentos e intencionalidades de alguns grupos e setores, mas se mostra ainda sutil nos contextos escolares; (d) pouca penetração da temática no âmbito da EF escolar; (e) discussão sobre currículo na EF com enfoque na seleção/abordagem de conteúdos; (f) possíveis impactos das políticas curriculares na EF escolar (Tavares; Madela; Frasson, 2023, p. 1).

A educação intercultural em diálogo com as práticas corporais, fornece elementos culturais essenciais para apropriação de saberes em contraponto ao ensino hegemônico que ainda persiste. Segundo Lazzarotti Filho, *et. al.*, (2010) “o termo ‘práticas corporais’ vem sendo valorizado pelos pesquisadores que estabelecem relação com as ciências humanas e sociais, pois aqueles que dialogam com as ciências biológicas e exatas operam com o conceito

de atividade física". É por meio das práticas corporais que os sujeitos são emancipados com fins de fortalecer na identidade cultural, uma vez que esta é ligada a forma como o ser humano se movimenta e sua relação com os esportes, jogos e brincadeiras (Neira, 2007).

> [...] o termo Práticas Corporais pode ser concebido como um conceito, considerando que permite processos de criação e mobilização do mundo e das pessoas. Não obstante, tem sido amplamente utilizado dessa forma nos estudos, pesquisas e intervenções relatas na literatura do campo da Educação Física" (Manske, 2022, p. 12).

Para o autor, a terminologia "práticas corporais", ainda carece de uma definição e estabilidade, mas argumenta que essa fluidez e multiplicidade é na verdade, a maior potência para se firmar como conceito no campo da Educação Física. Neste sentido, as práticas corporais são manifestações culturais relacionados ao movimento corporal produzidos pela humanidade. Portanto, "repensar as práticas corporais, o corpo e a cultura, nos desafia a assumir uma compreensão complexa do problema" (Silva, 2024, p. 13/14). O autor pontua a necessidade dos professores de Educação Física entenderem a complexa relação entre termos como currículo, cultura, interculturalidade e práticas corporais.

As práticas corporais de viés intercultural permitem um entendimento alargado das culturas subjacentes, proporciona uma prática pedagógica alicerçada em valores humanos e propicia a inclusão dos corpos diferentes desprovidos de significação social, contribuindo para uma prática educativa mais humana, menos hierarquizadas e menos excludente.

> [...] o currículo intercultural, não apenas se pauta pelo enfoque de uma organização que reconhece uma pluralidade de formas culturais acerca do corpo e do movimento humano, como também possibilita um diálogo intercultural, amparado numa pedagogia que é capaz de valorizar historicamente àquelas práticas corporais que sofreram influência da colonialidade do saber e do poder (Silva, 2024, p. 11).

A colonialidade do poder, do saber e do ser no contexto amazônico, refere-se como as práticas corporais dos povos indígenas, caboclos, quilombolas e ribeirinhos foram negadas/silenciadas em favor de um modelo dominante de educação que não valorizava as diferentes culturas, os corpos *anormais* e os grupos sociais tidos como inferiores.

Metodologia

A metodologia adotada para o presente artigo foi por meio de uma pesquisa bibliográfica através de livros, teses, dissertações e artigos científicos publicados em

periódicos especializados. Segundo Souza, Oliveira e Alves (2021, p. 65) a “pesquisa bibliográfica é primordial na construção da pesquisa científica, uma vez que nos permite conhecer melhor o fenômeno em estudo”. Portanto, essa técnica de pesquisa:

> [...] procura explicar um problema com base em referenciais teóricos e/ou revisão de literatura de obras e de documentos [...] permite conhecer, compreender e analisar os conhecimentos culturais e científicos sobre o assunto, tema ou problema investigado (Matos, *et. al*., 2017, p. 43).

Este tipo de pesquisa, “baseia-se no estudo da teoria já publicada, assim é fundamental que o pesquisador se aproprie no domínio da leitura do conhecimento e sistematize todo o material que está sendo analisado” (Souza; Oliveira; Alves, 2021, p. 66). Para tanto, os descritores utilizados na busca foram: "educação intercultural”, “currículo cultural", “cultura” e "práticas corporais" no campo da Educação Física.

A abordagem metodológica é de característica qualitativa. Na Educação Física, “a pesquisa qualitativa tem como pressuposto científico manipular informações recolhidas, descrevendo-as e analisando-as para um segundo momento interpretar e discutir a luz da teoria” (Negrine, 2017, p. 60). A abordagem permitiu uma interpretação crítica e aprofundada da temática. Dessa forma, a análise qualitativa busca interpretar, sintetizar os dados e as ideias encontradas para transformar a pesquisa bibliográfica em uma ferramenta de aprofundamento do conhecimento, construir novas teorias ou formular novas hipóteses de pesquisa.

O procedimento metodológico envolveu três etapas principais: a) levantamento bibliográfico e busca sistemática de materiais a partir dos descritores definidos; b) seleção e organização do material com base em critérios de relevância, atualidade e pertinência ao tema investigado; e, c) análise crítica e interpretativa dos textos com ênfase na identificação de convergências, divergências e lacunas nas abordagens teóricas.

Por meio dessa metodologia, buscou-se compreender como a literatura tem tratado as articulações entre interculturalidade e as práticas corporais no ensino da Educação Física escolar. A finalidade é oferecer subsídios teóricos que contribuam para reflexões e práticas pedagógicas mais inclusivas e culturalmente sensíveis ao contexto escolar.

Resultados e Discussão

O texto buscou articular reflexões teóricas sobre interculturalidade e práticas corporais no campo da EFE, visando repensar o currículo e a escola como espaço efetivamente inclusivo, democrático e culturalmente sensível. Do ponto de vista metodológico, a revisão de

literatura possibilitou a construção de quadros teóricos que ajudam a entender a temática, expressando assim o potencial transformador de um currículo intercultural crítico, mas também apontados desafios e limitações (ver quadro 1).

Quadro 1 – Comparativo Currículo Tradicional x Currículo Intercultural na EF escolar.

Aspecto	Currículo tradicional e práticas corporais na EF escolar	Currículo intercultural e práticas corporais na EF escolar
Enfoque	Conteúdos esportivos padronizados; técnica e rendimento (Futebol, basquete, handebol, vôlei, lutas, danças)	Práticas corporais diversas; saberes locais; culturas historicamente negadas
Visão de cultura	Eurocêntrica, dominante e homogênea (Danças europeias, lutas tradicionais e esportes olímpicos)	Crítica, plural, integradora; valoriza diferenças e culturas silenciadas.
Papel do aluno	Receptor passivo de conteúdos (Executa gestos técnicos; repete padrões).	Sujeito ativo, produtor de saberes e identidades
Avaliação	Focada em desempenho técnico e padrões homogêneos (Testes de rendimento; medidas e avaliação quantitativa)	Considera processos, contextos, trajetórias e singularidades culturais
Inclusão	Adaptativa, limitada à apreensão do gesto motor (Alunos com "baixa performance" excluídos e marginalizados).	Estrutural e crítica; transforma relações de poder; combate desigualdades e promove as culturas negadas.
Função social	Reforça hierarquias culturais e modelos excludentes (Práticas que reafirmam padrões dominantes).	Resiste à hegemonia; emancipa; reconhece saberes marginalizados
Exemplos de conteúdos	Esportes olímpicos; gestos técnicos universais (Atletismo, handebol, voleibol, basquetebol)	Danças regionais, brincadeiras regionais, jogos de matriz africana, indígena, lutas populares, práticas corporais de ribeirinhos e quilombolas.

Fonte: Elaborado pelos autores.

O currículo tradicional na Educação Física ao longo da história é esportivista e excludente, focado em práticas corporais como esportes olímpicos, jogos, danças e lutas de viés conservador, reforçando hierarquias culturais e padrões homogêneos, onde o aluno é um receptor passivo, que apenas repete gestos técnicos (Oliveira; Daolio, 2011; Neira, 2018).

Em contrapartida, o currículo intercultural promove uma ruptura com esse modelo, valoriza saberes marginalizados, promove a diversidade e preserva a identidade cultural, utilizando-se das práticas corporais variadas de origem afro-brasileira, indígena, ribeirinha e quilombola. Nessa perspectiva, as práticas corporais no contexto da EFE deixam de ser puramente técnicas e passam a ser ferramentas para afirmar identidades, incluir as culturas invisibilizadas e construir espaços de resistência para que os alunos se tornem sujeitos críticos e reflexivos para que estes possam construir os conhecimento e saberes a partir de suas próprias vivências culturais (Oliveira; Daolio, 2011; Tavares, *et. al.*, 2025).

Neste sentido, a EFE passa a ser vista como um espaço aberto ao diálogo para a emancipação dos sujeitos, e não apenas como uma ferramenta de valorização do rendimento esportivo (Neira, 2018; Mota; Soares, 2023; Silva, 2024). Portanto, a perspectiva intercultural

propõe uma ruptura epistemológica e política, buscando uma prática pedagógica mais reflexiva, disposta a desafiar modelos cristalizados e dialogar com as diferenças para reafirmar o caráter educativo e plural das práticas corporais.

A seguir no quadro 2, estão colocados os desafios, as limitações e as contribuições dos autores em relação à interculturalidade e práticas corporais na EF escolar:

Quadro 2 – Desafios, limitações e contribuições dos autores no campo da EF escolar

Desafios e limitações	Autores	Contribuições
Rigidez curricular dos modelos tradicionais	Neira, 2010; 2018; Maldonado, *et al.*, 2021; Tavares, *et al.*, 2025	Os currículos escolares permanecem centrados em modalidades esportivas padronizadas, valorizando práticas corporais eurocêntricas, o que dificulta a inclusão de saberes afro-brasileiros, indígenas e de grupos locais.
Falta de formação continuada para professores	Venâncio; Darido, 2012; Uchôa, 2019b; Silva; Silva; Siqueira, 2022.	Há carência de processos formativos que instrumentalizem o professor para lidar criticamente com a diversidade, questionando a colonialidade do saber e promovendo práticas pedagógicas interculturais e antirracistas.
Estruturas e recursos insuficientes	Venâncio; Darido, 2012; Maldonado, *et al.*, 2021	Condições materiais precárias, falta de materiais específicos e carga horária reduzida tornam difícil implementar práticas diversificadas e críticas.
Falta de clareza conceitual sobre interculturalidade	Fleuri, 2012; Tavares; Madela; Frasson, 2023	Ainda há insegurança teórica entre professores e gestores, pois não existe consenso entre multiculturalismo, interculturalidade crítica, decolonialidade, o que impacta na prática pedagógica.
Resistências institucionais e culturais	Venâncio; Darido, 2012; Fraga; Silva, 2023	A cultura escolar e a gestão permanecem presas a um modelo esportivista hegemônico, que privilegia rendimento, competição e padrões eurocêntricos
Processos de exclusão e desigualdades sociais	Uchôa, 2019b; Fraga; Silva, 2023; Mota; Soares, 2023	Povos ribeirinhos, quilombolas, indígenas e outros permanecem invisibilizados no currículo; suas práticas corporais são vistas como "folclore" ou inferiorizadas.
Fragilidade das políticas públicas	Candau, 2013; Neira, 2018; Tavares, *et al.*, 2025	Faltam políticas estruturais que incentivem projetos interculturais, formação de professores, produção de materiais e articulação curricular para romper com padrões coloniais.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Ao término da análise do quadro acima, constatamos alguns desafios e limitações que precisam ser superados para que as práticas corporais de viés intercultural possam ser inseridas no componente curricular no campo da Educação Física. Esses desafios estão nas *dimensões curricular e epistemológica, formativa e institucional e estrutural e política.*

Na dimensão curricular e epistemológica, ainda há uma forte influência dos modelos educacionais conservadores e excludentes, que, por sua vez, foca em esportes, jogos, lutas e danças e brincadeiras tradicionais, negligenciando os conhecimentos e os saberes de origem afro-brasileira, indígena, quilombola e ribeirinha (Fleuri, 2012; Mota; Soares, 2023). Por outro lado, a falta de clareza sobre o que é interculturalidade e práticas corporais também

causam insegurança nos professores e impede uma mudança real no currículo escolar e na prática pedagógica (Candau, 2016; Tavares; Madela. Frasson, 2023).

Por conseguinte, na dimensão formativa e institucional, há lacunas tanto na formação inicial, quanto na formação continuada, dificultando a compreensão sobre a abordagem intercultural nas aulas de Educação Física. Muitos professores ainda se baseiam em crenças pessoais, referenciais monoculturais, no modelo esportivista focado em desempenho e competição, o que dificulta a inserção de conteúdos interculturais e as práticas corporais das culturas negadas (Silva, Silva; Siqueira; 2022; Fraga; Silva, 2023; Silva. 2024).

Já na *dimensão estrutural e política*, as condições precárias das escolas, falta de materiais e equipamentos, carga horária insuficiente, grande número de alunos por turma e a sobrecarga de trabalho, limitam a implementação de experiências plurais. Além disso, a ausência de políticas públicas consistentes, de investimentos em projetos pedagógicos e materiais didáticos voltados para a educação intercultural também são obstáculos significativos (Neira, 2018; Maldonado, *et al*., 2021; Tavares, *et al*., 2025).

Conclusões

As reflexões desenvolvidas a partir dos estudos e das análises nos mostram que as práticas corporais interculturais na EFE enfrentam desafios que são profundamente históricos, estruturais e conceituais. Persistem currículos marcados pela hegemonia de modelos esportivos eurocêntricos e técnicas padronizadas, que dificultam a inserção de saberes afro-brasileiros, indígenas, quilombolas e ribeirinhos.

Além disso, a carência de uma formação continuada crítica para os professores de Educação Física compromete a implementação efetiva da interculturalidade, que exige reflexão sobre colonialidade, alteridade e a valorização de outros saberes. Ainda predomina uma compreensão restrita da diversidade, muitas vezes limitada a abordagens simbólicas, sem problematizar relações de poder e exclusão. Nesse sentido, a falta de clareza conceitual sobre o que significa interculturalidade crítica, torna-se um obstáculo para o desenvolvimento de práticas pedagógicas transformadoras e conscientes. Por conseguinte, a implementação de uma abordagem intercultural na Educação Física enfrenta grandes desafios e obstáculos significativos, tais como: falta de recursos materiais, condições precárias das escolas e a sobrecarga de trabalho dos professores. Ademais, a resistência institucional e dos professores, enraizada no modelo esportivista tradicional, dificultam a adoção de novas práticas.

Esse cenário reforça desigualdades, silencia experiências corporais que poderiam enriquecer a formação humana e promover um processo de ensino-aprendizagem mais plural, significativo e conectado à realidade social, política e cultural. Todavia, a superação desses desafios não depende apenas da vontade individual de cada professor, mas exige um compromisso coletivo, vontade política e investimentos para que o currículo se torne uma construção cultural viva e crítica para transcender para modelos educacionais emergentes, inclusivos e democráticos. Para que a transformação aconteça, é preciso repensar o currículo, promover uma formação não eurocêntrica, garantir condições estruturais e ter políticas públicas que vejam as práticas corporais de viés intercultural como um projeto ético, político e pedagógico, cuja finalidade final é construir uma Educação Física mais justa, inclusiva e crítica, rompendo com os modelos hegemônicos e práticas pedagógicas conservadoras.

A educação intercultural crítica e não eurocêntrica, que problematize as desigualdades históricas e valoriza saberes tradicionais invisibilizados — abre caminho para práticas corporais mais humanas, inclusivas e dialógicas. A perspectiva intercultural não se limita a incluir diferentes práticas corporais, mas busca problematizar as desigualdades históricas e valorizar os saberes tradicionais que foram marginalizados e/ou silenciados. Com isso, a Educação Física se torna um terreno fértil, transformando a escola em um espaço de resistência, reflexão e construção coletiva, fortalecendo o papel social da escola, que passa a promover a cidadania e a diversidade cultural de forma mais justa, eficaz e com equidade.

Por fim, ao articular a educação intercultural com as práticas corporais transforma o currículo em um espaço de mudança, contribuindo para formar indivíduos críticos e conscientes de suas próprias trajetórias, identidades e pertencimentos. Desse modo, os alunos se tornam protagonistas na defesa da pluralidade e da justiça social.

Referências

Baruki, V. L. S. **As representações culturais dos professores de educação física sobre o corpo diferente.** [Tese doutorado] Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande - MS 2016.

Boog, A. C.; Urizzi, E. J. **Práticas corporais e a educação física escolar. Ensino fundamental anos iniciais 1º aos 5º anos**. Editora Boreal.São Paulo, 2018.

Brasil. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**, 2017. http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em 18 dez. 2024.

Candau, V. M. F. Cotidiano escolar e práticas interculturais. **Cadernos de Pesquisa.** v.46 n.161 p.802-820 jul./set. 2016 803. http://dx.doi.org/10.1590/198053143455.

Carvalho Junior, A. F. P.; Fetzner, A. R.; Torres Santome, J. Por uma escola inclusiva e democrática. **e-Curriculum**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 14-39, jan. 2022.

Casali, A. M. D.; Uchôa, M. M. R. Currículo nas fronteiras: alteridade e diferença. **Revista Teias** v. 24, n. 75, out./dez. 2023.

Castellani Filho, L., *et. al*. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 2009.

Cruz, R. P. V. **Os saberes indígenas nos currículos dos cursos de educação física no município de Campo Grande- MS: a educação intercultural na percepção das coordenações de curso.** Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande- MS, 2023.

Ferreira, L. F., *et al*. Direitos Humanos, Esporte e Educação Física: desafios e perspectivas. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, (São Paulo) 2021 Jul-Set;35(3):113-123.

Fraga, N. F.; Silva, A. P. S. da. Educação intercultural e educação física: um diálogo possível. **Revista Polyphonía**, Goiânia, v. 34, n. 1, p. 355–371, 2023. DOI: 10.5216/rp.v34i1.77921. Disponível em: https://revistas.ufg.br/sv/article/view/77921. Acesso em: 29 jul. 2025.

Franco, M. A. S. Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações. **Educ. Pesqui**., São Paulo, v. 41, n. 3, p. 601-614, jul./set. 2015.

Freire, J. B.; Scaglia, A. J. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2009.

Haal, S. **Cultura e representação**. Rio de janeiro: Ed. PUC Rio: Apicuri, 2016.

Impolcetto, F. M.; Terra, J. D.; Rosário, L. F. R.; Darido, S. C. As práticas corporais alternativas como conteúdo da educação física escolar. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 1, 2013. DOI: 10.5216/rpp.v16i1.15213. Disponível em: https://revistas.ufg.br/fef/article/view/15213. Acesso em: 28 jul. 2025.

Lazzarotti Filho, A.; Silva, A. M.; Antunes, P. C.; Silva, A. P. S. da; Leite, J. O. O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da educação física. **Movimento**, *[S. l.]*, v. 16, n. 1, p. 11–29, 2009. DOI: 10.22456/1982-8918.9000. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/9000. Acesso em: 28 jul. 2025.

Manske, G. S. Práticas corporais como conceito? **Movimento,** v. 28, e28001, 2022. DOI: https://doi.org/10.22456/1982-8918.118810. Acesso em: 28 jul. 2025.

Matos, M. G.; Rosseto Junior, A. J.; Rabinovich, S. B. **Metodologia da pesquisa em educação física: Construindo sua monografia, artigo e projetos**. 4ª Edição - São Paulo: Phorte, 2017.

Mota, I. O.; Soares, M. G. Práticas corporais na Amazônia: contribuições para o currículo cultural na escola. **Movimento,** v. 29, e29024, 2023. DOI: https://doi.org/10.22456/1982-8918.125435. Acesso em: 28 jul. 2025.

Negrine, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. (in) Molina Neto, V.; Triviños, A. N. S. **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. 4ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2017.

Neira, M. G. O currículo cultural da Educação Física: Pressupostos, princípios e orientações didáticas. **Revista e-Curriculum**, v. 16, n. 1, p. 4, 1 abr. 2018. Disponível em: https://doi.org/10.23925/1809-3876.2018v16i1p4-28. Acesso em: 29 jul. 2025.

Neira, M. G. O currículo cultural da Educação Física: uma resposta aos dilemas da contemporaneidade. **Revista Linhas. Florianópolis**, v. 16, n. 31, p. 276 – 304, maio/ago. 2015.

Neira, M. G. Valorização das identidades: a cultura corporal popular como conteúdo do currículo da Educação Física. **Motriz,** Rio Claro, v.13 n.3 p.174-180, jul./set. 2007.

Neves, M. R.; Neira, M. G. O currículo cultural de Educação Física em ação: efeitos nas representações culturais dos estudantes sobre as práticas corporais e seus representantes. **Motrivivência,** (Florianópolis), v. 32, n. 63, p. 01-19, julho/dezembro, 2020. Universidade Federal de Santa Catarina. 3ISSN 2175-8042. DOI: https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e76536. Acesso em: 12 jan. 2025.

Nunes, M. J. O.; Barros, J. A. Alteridade: o outro na pesquisa em educação. **Revista Teias** v. 23 n. 68 jan./mar. 2022. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-03052022000100405. Acesso em: 12 jan. 2025.

Oliveira, R. C.; Daolio, J. Educação intercultural e educação física escolar: possibilidades de encontro. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 1-11, maio/ago. 2011.

Rondônia. Governo do Estado de Rondônia. Secretaria de Estado da Educação. **Caderno de orientações pedagógicas em educação física no ensino fundamental, anos iniciais e anos finais**. Porto Velho-RO, 2020.

Silva, S. P. da. Currículo Intercultural e Práticas Corporais no contexto educacional interdisciplinar. **Kinesis**, *[S. l.]*, v. 42, n. esp. 2, p. e87914, 2024. DOI: 10.5902/2316546487914. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/87914. Acesso em: 29 jul. 2025.

Silva, M. R.; Silva, A. C.; Siqueira, V. H. F. Diálogos entre educação física e interculturalidade: uma revisão sistemática. **Atos de Pesquisa em Educação**, *[S. l.]*, v. 17, n. 1, p. e9716, 2022. DOI: 10.7867/1809-03542022e9716. Disponível em: https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/9716. Acesso em: 28 jul. 2025.

Sousa, A. S.; Oliveira, S. O.; Alves, L H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. Artigo original. **Cadernos da Fucamp**, v.20, n.43, p.64-83/2021.

Tavares, N. S.; Ricardo, K. H.; Bins, G. N.; Silva, R. C. O. E; Wittizorecki, E. S. Ensaios interculturais na Educação Física escolar. **Educação**, *[S. l.]*, v. 50, n. 1, p. e48/1–28, 2025. DOI: 10.5902/1984644488969. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/88969. Acesso em: 28 jul. 2025.

Tavares, N. S.; Bins, G. N.; Ricardo, K. H.; Wittizorecki, E. S. Educação Física e Interculturalidade: Deslocamentos e Desacomodações. **Revista Prática Docente**, [*s. l.*], v. 9, p. e24028, 2024. DOI: 10.23926/RPD.2024.v9.e24028.id919. Disponível em: https://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/rpd/article/view/919. Acesso em: 28 jul. 2025.

Tavares, N. S.; Madela, A.; Frasson, J. S. Currículo e interculturalidade: um estudo de revisão para pensar uma aproximação com a Educação Física. **Educação por escrito,** Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 1-10, jan.-dez. 2023 | e-44921.

Uchôa, M. M. R**. Currículo intercultural na fronteira: um estudo sobre a política e as práticas de currículo na fronteira Brasil/Bolívia do estado de Rondônia.** Tese [Doutorado em Educação: Currículo] Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2019a.

Uchôa, M. M. R. Currículo na fronteira Brasil/Bolívia de Rondônia**. Revista Culturas & Fronteiras** - Volume 1. Edição Especial - Setembro/2019b. Grupo de Estudos Interdisciplinares das Fronteiras Amazônicas - GEIFA /UNIR. Disponível em: http://www.periodicos.unir.br/index.php/index/user. Acesso em 13 jan. 2025.

ORCID dos autores

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Federal de Rondônia – PPGE/UNIR; Especialista em Educação Física Escolar pela Faculdade de Pimenta Bueno – FAP; Professor de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Porto Velho/RO; E-mail: cbjagomes@hotmail.com. CV: https://lattes.cnpq.br/6761691456635449; https://orcid.org/0000-0001-5096-4412.

Professor Titular do Departamento de Educação Física - DEF, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR/Brasil); Doutor em Educação - UNESP; Pós-doutorado em Ciências do Desporto - UBI-Portugal; Membro do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE - L1); Lider do Centro de Estudos e Pesquisas do Humanismo Ikeda - CEPHIK; vice-lider do Grupo de Estudos do Desenvolvimento e Cultura Corporal - GEDECC; Membro da Associação Brasil SGI - BSGI; E-mail: ceborges@gmail.com; CV: http://lattes.cnpq.br/8265409596842772; https://orcid.org/0000-0002-4385-6234.

Conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflitos de interesse no presente estudo.